

FOLHA DOMINICAL - nº1

Serra do Pilar, 13 Abril 75

SERRA
do
PILAR

20
28 Setº 75

domingo xxvi

comunidade cristã da

SERRA do PILAR

COMUNIDADE CRISTÃ DA

SERRA do PILAR

SERRA do PILAR

2000

Cântico

Ele disse:

«lava a tua casa retira os móveis todos
aí quero dançar»

assim o Senhor dança nos salões vazios:
semelhante a um turíbulo
espalha o seu perfume

não fechei as portas
abri as janelas: os ladrões evitam
a casa iluminada

fiz tapetes de flores
pus grinaldas na entrada
pois é muito grande a festa de Um só convidado
espero nas traseiras e ceio no umbral
o Senhor ocupa-me
e a casa toda é sua

sirvo na bandeja as mais frescas iguarias
os frutos colhidos
nos dias de canseira

o Senhor dorme no leito e eu estou acordado
o Senhor levanta-se
e eu não posso dormir

a água sai pura
das suas lavagens
lavo-me na água que o Senhor usou
de manhã o Senhor veste-se
com a roupa que lhe trago
come do que tenho – e assim eu empobreço

visto o meu Senhor e eu o alimento
assim fico sem nada
e Ele me sustém

que eu nunca me atrase à chamada do Senhor
não vá Ele mostrar-me
não precisar de mim

que eu não seja dos que perdem
primaveras e outonos
que não seja contado entre os ignorantes

enquanto o Senhor dança o meu coração exulta:
que Deus este que não para
de se mover por mim!

Carlos Poças Falcão (1951). Poeta.

2000

[...] As alegrias mais intensas da vida surgem, quando se pode provocar a felicidade dos outros, numa antecipação do Céu. Vem a propósito recordar a cena feliz do filme

A FESTA DE BABETTE, quando a generosa cozinheira recebe um abraço agradecido e este elogio: «Como deliciarás os anjos!» É doce e consoladora a alegria de fazer as delícias dos outros, vê-los usufruir delas. Este júbilo, efeito do amor fraterno, não é o da vaidade de quem olha para si mesmo, mas o do amante que se compraz no bem do ser amado, que transborda para o outro e se torna fecundo nele.

Amoris laetitia, nº 129.



no altar de Babette

NUMA EPÍSTOLA DO NOVO TESTAMENTO, tradicionalmente atribuída a Tiago, irmão do Senhor, o epistológrafo lança uma crítica fulminante aos que vivem na terra para o luxo e para o prazer do corpo: “engordastes os vossos corações” (Tiago 5:5). A ideia – sabemo-lo bem – de que hedonismo e espiritualidade se opõem como contrários está expressa em todas as religiões e sistemas filosóficos do mundo. Sexo, comida e bebida são vistos como os inimigos fígadais do espírito. Já Platão escreveu que cada prazer é mais um prego que prende a alma ao caixão do corpo. Só a renúncia permite aceder ao reino do espírito. É assim no platonismo, no orfismo, no estoicismo, no cristianismo, no budismo, hinduísmo, islão e judaísmo... até o epicurismo, no mundo antigo, tinha como objetivo o prazer supremo da renúncia a todos os prazeres. Claro que o imaginário referente à história do cristianismo nos coloca sempre diante dos olhos a imagem do abade obeso e amante da boa pinga; assim como da freira gulosa, compensando outras renúncias com o chuto glicémico dos chamados doces conventuais. Mas

esse imaginário é um produto da realidade católica. Pensamos no cristianismo luterano e logo nos surgem diante dos olhos as imagens austeras daqueles pastores nos filmes de Ingmar Bergman, torturados pela suspeita insidiosa e impossível de sacudir de que a religião é toda ela um logro. Nada compensa o vazio da inexistência de Deus: nem o melhor vinho, nem o bolo mais delicioso. A vida sem Deus é sempre a preto e branco.



Ora “**A FESTA DE BABETTE**” (1987) mostra-nos que a vida COM Deus, mas sem bolo nem vinho, equivale à existência naquele corpo-caixão do ideário pitagórico e platónico, ao passo que o reino de Deus na terra acontece instantaneamente quando o ser humano se abre ao milagre do prazer.

Obrigada a fugir de Paris, onde era chefe de cozinha no celebrado Café Anglais, Babette encontra refúgio numa aldeia erma na costa oeste da Dinamarca, fustigada o ano inteiro por chuva e vento. Acolhida em casa de duas irmãs idosas, filhas solteiras de um pastor pietista cuja modalidade de cristianismo preconizava a austeridade extrema, a grande artista da culinária parisiense abraça uma vida apagada, numa sociedade em que o conceito de conseguimento culinário é uma sopa ascética de pão velho fervido. Nunca as irmãs se apercebem do talento da sua criada e cozinheira: até ao dia em que chega a Babette uma notícia de França, de que (graças aos bons ofícios de um amigo em Paris) ganhara dez mil francos numa lotaria.

Em jeito de despedida das patroas, Babette oferece um jantar (em que gasta os dez mil francos até ao último “sou”) com ingredientes vindos de França: uma experiência de luxo sibarítico com que ninguém naquela comunidade dinamarquesa alguma vez contactara. A comunidade pietista reúne-se em casa das irmãs, num contexto celebrativo do centenário do fundador daquela comunidade,

pai das velhas solteiras. Pelo método do “flashback”, nós, espetadores, já estamos cientes neste momento do grau de renúncia que as irmãs tinham escolhido no passado: ambas tinham recusado casar; e uma delas, talentosíssima cantora, tinha abdicado de uma carreira que se lhe oferecera como artista nos grandes teatros de ópera da Europa. Percebemos que o pastor que fundara aquela comunidade não só era avesso ao prazer, como era avesso também ao matrimónio, na boa tradição paleocristã de prezar acima de todas as qualidades aquela que mais percebemos ser valorizada na epistolografia de São Paulo (“quem casa faz bem; e quem não casa, faz melhor ainda”: 1 Coríntios 7:38).



Por engenhosa fabricação do enredo (o realizador do filme, Gabriel Axel, baseou-se num conto de Karen Blixen), está presente na festa de Babette um dos potenciais

pretendentes de uma das irmãs: um general aristocrático, cujo passado cosmopolita e experiência dos prazeres da vida parisiense lhe permite identificar as maravilhas que estão a ser servidas à mesa – assim como os vinhos, os melhores de França. Receosos de que a festa dos sentidos gustativos pudesse configurar uma espécie de ritual satânico, os comensais pietistas decidem não comentar a comida e reagir a ela como se estivessem a comer sopa de pão velho fervido.



Só que não conseguem resistir ao milagre do prazer. À sopa de tartaruga (verdadeira) com xerês seguem-se “blinis Demidoff” com champagne Veuve Clicquot; depois vêm as “codornizes em sarcófago” (“cailles en sarcophage”), acompanhadas do celestial vinho tinto Clos de Vougeot; as sobremesas incluem um “savarin au rhum”, frutas exóticas (como ananás), com Sauternes, conhaque

e outras delícias.

Os comensais, inicialmente marcados pelos ódios e rancores que a dedicação à vida religiosa nunca curara, começam a sofrer uma transformação: estas pessoas secas, desconfiadas, mesquinhas e acidamente beatas metamorfoseiam-se em pessoas cheias de calor humano, de amor ao próximo. De repente, o prazer da comida e do vinho, o puro hedonismo execrado pela religião cristã, opera o mais cristão dos milagres. À mesa de Babette, é pelo prazer que se dá, afinal, a vivência verdadeira do Evangelho: “nisto serão reconhecidos todos aqueles que são meus discípulos, contanto que tenhais amor uns pelos outros” (João 13:35). O milagre, que o fundador daquela comunidade nunca lograra operar, é operado não por um homem, mas por uma mulher; não por um pastor/padre, mas por uma artista.

“Extra artem nulla salus”: fora da arte não há salvação.

Frederico Lourenço.

Escritor, tradutor e professor universitário português. Prémio Pessoa 2016.



damos graças a Deus pela nossa *Folha Dominical*, que soma hoje 2.000 edições

Claro que, nesta celebração [Quaresma, 1 – 05.03.2017], damos graças a Deus pela nossa *FOLHA DOMINICAL*, que soma hoje 2.000 edições: todos os que a leem — irmãos da Comunidade e amigos de fora — e todos os que a fizeram e fazem. Ela é, de algum modo, um registo da nossa história e uma ajuda à leitura dos “**sinais dos tempos**”. Quantos já a leram! — e quantos já morreram! — e, Deus o queira! - quantos haverão de a ler e fazer!

Digo agora com palavras de Isaías: *“O passado já o predisse de antemão! Saiu da minha boca e anunciei-o. Algumas vezes, disse-o de repente e as coisas logo aconteceram. Mas como tendes cabeça dura, predisse-vos os acontecimentos com muita antecedência. E por amor de Sião não me calarei, por amor de Jerusalém não descansarei até que apareça a aurora da Justiça e a salvação brilhe como uma chama!* (Is 48,3-4 e 62,1.2).

2000

«tanto caminho já andado!»

COMEÇOU A PUBLICAR-SE NO ANO 2.000 UMA OBRA DE 7 VOLUMES, a História Religiosa de Portugal. No 3º Volume (publicado em 2.002), havia um longo capítulo sobre “*O CATOLICISMO PORTUGUÊS NO SÉCULO XX*”. Entre os vários sub-títulos e respetivos textos havia um — “*Em Portugal, 20 anos depois*” (do Vaticano II, 1962-1982) — que, na página 250, era ilustrado com a fotografia da Folha Dominical 358, da Serra do Pilar, de 2 de Janeiro de 1982.

O texto a que me refiro resumo-o nesta frase: “*Refletindo os esforços de renovação pastoral da Igreja Católica, o II Concílio do Vaticano repercutiu-se no catolicismo português, gerando novo impulso reformador, em particular nos sectores mais envolvidos nas questões da transformação da sociedade, nomeadamente a justiça social, a paz e a liberdade — temas centrais do magistério pontifício nesta década*” (p. 249-250). É verdade o que escreveu o historiador Paulo Fontes, que não falava só da Serra do Pilar. A Comunidade da Serra do Pilar esforçava-se na renovação pastoral da Igreja e na transformação da sociedade, visando a justiça social, a paz e a liberdade. O autor entendeu que a Folha dominical da Serra do Pilar era ótima para ilustrar o seu pensamento.

Quando isto aconteceu, já ela ia no ano 7º da sua publicação e, às vezes, até já se imprimia em papel de cor. Tinha nascido em 13 de Abril de 1975 mas com o número 300 havia já terminado a sua primeira fase que, apesar de tudo, se ocupara mais da vida interna da Comunidade nascente. Saliento uma caixa do número 300:

«Trezentos números na vida de uma folha dominical não é nada, pela mesma razão por que seis anos de história da Igreja nada é. Mas se a Serra do Pilar é hoje uma realidade eclesial, muita da sua vida está retratada nesta pequena folha; a melhor prova de que ela tem lugar na Comunidade da Serra é quando, porventura, um qualquer domingo ela não se publica, toda a gente pergunta por ela.»

A partir do nº 300 [ano 81], a Folha passou a ser dactilografada por quem se ofereceu para o fazer. Esse quem, dactilógrafo, rapidamente deixou de o ser pois que depressa amadureceu; e se alguma vez sofreu algum reparo, foi maneiro, pois que já tinha sido elevado à categoria não de diretor mas de mentor.

A Folha começou a ganhar leitores que nos eram próximos e, ao longe, viviam os mesmos problemas e sonhos que nós: **Aborto** (325), **O Papa vem a Portugal de pára-quadras?** (327), **Vai, Serra do Pilar** (337), **O Bispo (Júlio) na Serra do Pilar** (372), **Timor-Leste, genocídio físico, cultural e religioso** (385), **Martinho Lutero, 500 anos após o nascimento** (393), **Uma crise é sempre um desafio à criatividade** (399), **A teologia da Libertação** (427), **Salários em atraso, tomada de posição de um grupo de padres da diocese do Porto** (458), **Vivó Porto!**, **Título de Futebol** (463), **A história das cabeças de frango ou A fome e o Parque são biológicos** (503), **A morte do Chico** (638), **D. Júlio na investidura da Presidência Leiga** (729) ...

Quando eu fui para Espanha naquele ano 92, e enquanto por lá andei durante 5 anos!, também eu a recebia pelo correio, ainda não havia internet. Por lá a lia como quem bebe um copo de água fresca em pleno Verão.

Quando regresssei, em 1997, já ela navegava em mar alto, sem medo de perigosos ventos muito menos de ataques de piratas. A Folha chegava a todo o lado: à China, à Inglaterra, a Angola, à França e à Suíça..., ao Fundão, ao Algarve, a Coimbra, à Capela do Rato em Lisboa... Espalhou-se porque já não tratava só do intra-comunitário e do histórico mas sim do novo, do que **“está a aparecer, não vedes?”**, perguntava o fazedor, com palavras de Isaiás (43,19).

Logo chegou o número 1.000, em Novembro de 1997. Nesse 1.000, alguém escreveu assim: ***“A Unesco e o genoma humano é o título da folha dominical de amanhã. Penso na variedade de temas sobre a vida comunitária, eclesial, cultural e política que têm percorrido estes 1.000 números e no importante papel de divulgação que a folha tem tido, tornando acessíveis textos importantes, publicados onde pouca gente os teria lido, ou dando voz a reflexões oriundas do interior da comunidade. ... A folha dominical tem a importância de ser epifania da comunidade”***.

Era a força da adultez. Ela lá continuou, segura e serena, mar alto, dizia, e no 1.500 ela própria se espantava: «tanto caminho já andado!». E foi

exatamente para esta, a 1.500, que D. Manuel Martins — que já a recebia, em Setúbal — escreveu nela, assim: *«É sempre momento de grande prazer e proveito aquele que passo na leitura da Folha Dominical da Comunidade Cristã da Serra do Pilar. Sinto um ar de frescura a invadir-me a alma e a fé. Porque a Folha traz-me a força e a vida de uma Igreja tocada pelos “ventos” de Deus»*.

No entanto, não por gosto mas ao jeito de noticiar o recuo teológico-pastoral e litúrgico que acontecia na Igreja romana começaram a surgir muitos, curiosíssimos e variados títulos: *E Cristo voltou a chorar nos jardins do Vaticano* (1560), *Igreja: Casa de Misericórdia ou Tribunal?* (1572), *Os banqueiros de Deus, salvos da crise graças ao ouro e aos fundos* (1574), *Hoje já não tenho esses sonhos!* (1597), *A última tragédia de Deus, Elie Wiesel* (1600)... As folhas iam-nos dando conta do caminhar regressivo da Igreja na primeira década do século XXI.

No entanto, uma que outra miragem, lá ao fundo, parecia profetizar: *Portas abertas aos católicos divorciados e casados de novo* (1627), *Deus é negra e sem documentos* (1651), *Debate dos abusos sexuais na Igreja* (1654), *Deus é um cultivador de lírios* (1714), *A Igreja que o Concílio não quis* (1752), *Cardeal Martini* (1779), *A lição do silêncio de Auschwitz* (1630), *O Deus dos ricos não está em crise* (1672), *Obama canoniza D. Óscar Romero. Por que espera Roma?* (1708), *O Ano da Fé: do Papa ou de Jesus?* (1749), *Demitiu-se como Deus manda?* Este último título saiu na folha 1.800, Fevereiro de 2013. Não sei se o profeta veria melhor ou se foi mesmo o profeta que viu bem!

E em Março (de 2013) começou Francisco a puxar. E começou ela a penetrar águas mais profundas: *Boas vindas ao Papa Chico* (1822), *Não só reforma da Cúria mas também do Papado* (1823), *Necessitamos de outros bispos* (1827), *Óscar Lopes e o Transcendente* (1829), *O apartamento vazio do Papa Francisco assusta o Vaticano* (1830), *Evangelii gaudium* (1852), *Memória das Coisas* (1882), *Família e Matrimónio* (1879), *A porção feminina de Deus* (1887), *O Islão ainda espera a sua revolução cultural* (1900), *Permaneço cristão, mesmo se escolher a forma como quero morrer* (1902), *O pequenito afogado faz-nos chorar e pensar* (1925), *O papa Francisco, amigo dos pecadores* (1928), *Comunidade da Serra do Pilar* (1958), *Iconoclastia e mística* (1971), *O rosto feminino de Deus* (1987), *É preciso pensar na matança que ainda hoje ocorre “em nome de Deus”* (1992) ... E mais, mas muito mais...

O Adelino “rezou” muitas vezes esta ou semelhante poesia de Sophia de Mello:

«Escuto mas não sei
Se o que oiço é silêncio
Ou Deus
Escuto sem saber se estou ouvindo
O ressoar das planícies do vazio
Ou a consciência atenta
Que nos fins do universo
Me decifra e fita
Apenas sei que caminho como quem
É olhado amado e conhecido
E por isso em cada gesto ponho
Solenidade e risco»

Eu creio que as folhas dominicais do Adelino estão para a Serra do Pilar como os Lusíadas de Camões para os portugueses!

* * *

Mas não esqueçamos o trabalho “duro” dos tipógrafos do antigamente e do modernamente. O **Avô Pereira** foi um professor da sua arte e todos os mais aprenderam com ele. E foram e são muitos os que imprimiram, dobraram e enviaram por correio. Bem hajam! Como havemos de vos pagar!

Uma palavra final

Como disse o Salmista: “Escrevam-se estas coisas para as gerações futuras e os que não hão de nascer louvarão o Senhor” (Salmo 102, 19). E eu acrescento: “Uma nova geração servirá o Senhor e narrará aos vindouros a sua Justiça” (Sl 22, 31).

Entretanto, Adelino, “O espírito do Senhor continue a falar por ti, a sua palavra esteja na tua língua, a falar como a luz da aurora, quando se levanta o sol, numa manhã sem nuvens que faz germinar a erva que brota da terra, depois da chuva” (2 Sm 23, 2-4).



ERNESTO CARDENAL (Foto: Jorge Mejía Peralta | Flickr)

Eu tive um caso com ele

No centro do nosso ser
não somos nós,
mas outro.
Se o ferro do meu sangue
é o mesmo dos trilhos,
e meu cálcio o das alcantiladas,
onde está, Deus meu,
este eu meu que te ama?
Parte da tua ternura, eu sinto,
são estas partículas que eu tenho.
Doçura de saber que me fizeste.
Deus dos números absurdos,
do dementemente grande
e do dementemente pequeno.
Se é infinito,
também será infinita loucura,
espontaneidade infinita.
Que, um dia, tu e eu nos acariciemos,
como o fazem, com olhos cerrados,
gemendo, os amantes,
num lugar infinito
e numa data eterna,
mas tão real como dizer
esta noite às oito.

Fonte: **Ernesto Cardenal**. *Cântico Cósmico*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 389.